

Amazônia Afrodescendente – memórias e documentos em processo ¹

Renan Souza D'OLIVEIRA²
Viviane Menna BARRETO³
Faculdade Estácio FAP, Belém, PA

RESUMO

O presente paper tem como finalidade detalhar o processo de criação da ilustração para o “IV Simpósio: Consciência Negra” da Faculdade Estácio do Pará, realizado entre os dias 10 e 14 de novembro de 2014. A ilustração foi inspirada em um conjunto de referências midiáticas, pinturas, fotografias e memórias, aliando as premissas artísticas e noções de design. A arte foi usada em um cartaz, banner e mídia digital mobilizando a consciência negra entre estudantes universitários. Para estudar os processos criativos, utilizamos ferramentas da crítica genética baseado nos estudos de Cecília Almeida Salles. Essa metodologia norteou uma revisão do passo-a-passo desde a iniciativa de fazer o projeto, os materiais utilizados, tanto analógicos como digitais, etapas do processo criativo até a arte-finalização e aprovação.

PALAVRAS-CHAVE: ilustração; crítica genética; consciência negra.

1 INTRODUÇÃO

A partir da lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental e ensino médio das escolas do Brasil, a história dos afrodescendentes se insere nos estudos acadêmicos e faz com que as universidades comecem a trazer essa discussão sobre a história do movimento negro no país. A importância da consciência negra nesse contexto vai ser ressaltada pela Estácio FAP na disciplina Cultura Brasileira e se amplia para além da sala de aula em um projeto de extensão onde os estudantes desenvolveram um simpósio. Este estudo trata da criação de um cartaz que pudesse expressar essa preocupação e motivar mais universitários a participar do evento.

A questão do negro no cenário amazônico é muito forte e presente até os dias de hoje. Como criador e desenhista, afrodescendente, filho de mulato e neto de negro, participar deste projeto permitiu uma retomada de minhas memórias. Histórias contadas sobre o meu avô, Manoel Pedro d'Oliveira, nascido no município do Acará, no nordeste do Pará, filho de escravos que se alfabetizou apenas aos 15 anos de idade e de meu pai, Max Luiz Carvalho d'Oliveira, nascido também no nordeste paraense, no município de Marapanim, que é também conhecida como “Terra do Carimbó”, ritmo musical considerado como uma das maiores manifestações de criatividade artística do povo paraense. Cresci participando

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Transdisciplinar, modalidade Charge, Caricatura e Ilustração.

² Estudante do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade do Pará – Estácio FAP, e-mail: renandoliveira@macola.com.br.

³ Orientadora do Trabalho. Professora mestra dos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo da Faculdade Estácio do Pará (Estácio FAP). E-mail: vivimenna@uol.com.br

de festas tradicionais, rodas de carimbó, carnavais de rua e ouvindo em encontros tradicionais de família, muitas histórias de luta que ficaram marcadas na minha memória. Dentro desse contexto busquei desenvolver uma ilustração que reunisse elementos da minha memória, da cultura midiática, utilizando cores, referências, fotografias que sintetizassem e colaborassem para a construção de uma imagem que fosse icônica para essa questão.

Este paper vai analisar a partir da crítica genética, os processos de criação desse cartaz, considerando suas diversas etapas criativas como documentos em processo de forma que a explanação sobre as diferentes fases, as técnicas, as mudanças, possa compreender de que forma aparecem as prioridades na criação. A crítica genética nasce analisando processos criativos na literatura francesa. Depois se abre para as artes plásticas, comunicação e hoje se debruça sobre variados atos criativos que estejam documentados e detalhados pelo seu criador. Cecília Salles conseguiu sintetizar isso abaixo:

Os estudos genéticos nascem de algumas constatações básicas. Na medida em que lidamos com os registros que o artista faz ao longo do percurso de construção de sua obra, ou seja, os índices materiais do processo, estamos acompanhando seu trabalho contínuo e assim, observando que o ato criador é resultado de um processo. Sob essa perspectiva, a obra não é, mas *vai se tornando*, ao longo de um processo que envolve uma rede complexa de acontecimentos. (SALLES, Cecília A. 2008, p. 23)

Processos criativos se misturam a vida. É difícil recordar a data exata de quando peguei em um lápis, uma borracha e um papel pela primeira vez como criador, pois sempre estive envolvido com a arte seja por meio de formação musical, como cinéfilo e fã de história em quadrinhos. Retomo este percurso na Faculdade de Publicidade e Propaganda onde adquiri livros, tutoriais e ensinamentos visando à direção de arte e ilustração para no futuro entrar no mercado publicitário.

Como artista criei diálogos que combinavam literatura com artes plásticas, como as histórias em quadrinhos de super-heróis, signos midiáticos como cartazes de filmes hollywoodianos e capas de LPs de música popular paraense que meu pai colocava nos toca-discos. Por meio da história em quadrinhos *Batman – A Morte o Robin*, obtive o primeiro contato com tipografia e artes visuais. Nos anos 90 busquei nas revistas especializadas e enciclopédias, informações sobre Neal Adams, Alex Ross, Moebius, Jonh Romita Jr e Frank Frazetta, artistas que me fascinavam e através deles conheci outros artistas plásticos tais como Norman Rockwell e Pablo Picasso, que acabaram se tornando referências nos meus processos criativos expressos por meio das técnicas de desenho, design, pintura digital, teorias e estudos sobre a psicodinâmica das cores, perspectiva, luz, anatomia e tudo que pudesse aumentar este repertório artístico.

Neste trabalho tive a oportunidade de usar materiais tradicionais como lápis e borracha e arte-finalizar usando técnicas de pintura digital e computação gráfica.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Criar uma ilustração para comunicar por meio de cartazes e mídias digitais o “IV Simpósio: Consciência Negra”.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Buscar na memória oral signos sobre minha afro descendência.
- Desenvolver pesquisa sobre representação do negro na cultura midiática.
- Aliar referências do povo afrodescendente e sua cultura a noções de design.
- Desenvolver técnicas de ilustração e pintura digital para valorizar artisticamente o tema.
- Utilizar a arte como ferramenta modificadora da sociedade.

3 JUSTIFICATIVA

O dia da consciência negra foi instituído oficialmente no dia 20 de Novembro, lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. A data é marcada pela morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, que virou símbolo de luta pela valorização da cultura negra e do combate à discriminação racial. Tal data serve para a população se conscientizar e lembrar-se da trajetória do povo afrodescendente muitas vezes esquecida e negligenciada. Isso se dá também entre estudantes que de alguma forma reproduzem uma visão e discursos etnocêntricos. Daí a importância da criação deste evento para discussão destes temas dentro da faculdade de forma a se valorizar as lutas, histórias e o orgulho negro entre estudantes.

Enquanto afrodescendente participar da criação deste cartaz além de me permitir unir teoria e prática, de alguma forma induz uma retomada, um engajamento com esta causa. Por meio da disciplina Cultura Brasileira estas discussões despertam um sentimento de militância adormecida. Este tema abre a possibilidade de se trilhar um caminho onde podemos utilizar a arte como ferramenta modificadora da sociedade.

A ilustração, a comunicação visual, leva a arte a um patamar além da criação artística em si, fazendo com que a mesma desperte emoções, senso crítico e social. Dentro deste tema a imagem é uma ferramenta que torna possível se abrir um debate sobre o valor e a importância do dia da consciência negra para os alunos da Faculdade Estácio FAP unindo linguagem visual e linguagem verbal.

O diálogo entre o artista, processo de criação da obra, a obra e o apreciador da obra, resulta em um diálogo entre a arte e a sociedade como um todo, pois engloba referências tanto do emissor quanto do receptor, como pontua Rauscher (2014): “É quando a arte se deixa atravessar pelo discurso da ética e da cidadania, sem abrir mão do sensível e dos processos artísticos”.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Esse projeto buscou unir desenho artístico com ilustração digital para substituir imagens fotográficas. A ilustração colorida digitalmente por pixels resultou em um produto que remeteu a uma atmosfera mais atual. Ao mesmo tempo em que foi importante fazer essa fusão da arte, comunicação social e da cultura negra, foi de igual importância destacar o diálogo entre os meios analógicos e digitais que foram usados, ou seja, unir o desenho analógico e a computação gráfica resultando em um produto que gerou um signo

socialmente relevante para os estudantes despertando um senso crítico nos mesmos, tanto na questão artística, como nas suas funções comunicacionais e culturais.

Refletindo sobre o signo e o processo de criação, Cecília Salles na sua obra *Gesto Inacabado – Processo de Criação Artística* comenta: “É, portanto, no modo de ação do signo que o crítico interessado em processos encontra instrumentos para interpretar o movimento geral da criação” (2014, p. 163). Nesse sentido, a crítica descreve o processo de criação para melhor esclarecer o produto final, que neste caso específico, foi a ilustração digital do “TV Simpósio: Consciência Negra”. A crítica genética não é apenas mais um método científico, mas uma nova abordagem sobre processos criativos dos artistas. Ela “pretende oferecer uma nova possibilidade de abordagem para as obras de arte: observar seus percursos de fabricação. É, assim, oferecida à obra uma perspectiva de processo.” (SALLES, Cecília A. 2008, p. 21)

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO E PROCESSOS

No passo a passo do processo criativo a pesquisa de referências é fundamental, pois a criação se deu na união de signos. Retiramos da internet referências da fisionomia e cultura africana.

Figura 01



Entre centenas de imagens disponibilizadas na internet optei por esta imagem de uma mulher com traços africanos, desenhada a lápis, com um turbante. Decidi usar esta imagem como uma das referências primordiais do projeto.

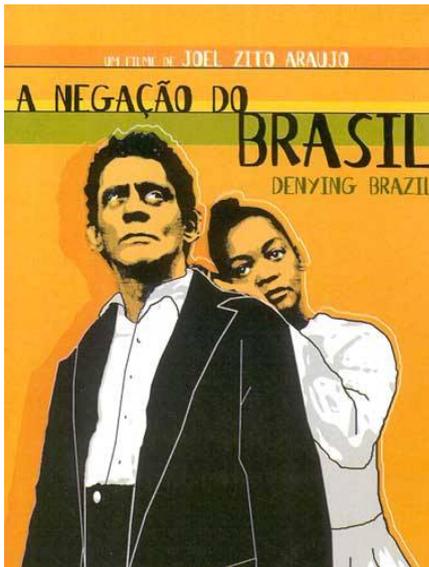
O turbante é uma peça que chegou ao Brasil através dos negros africanos, que eram trazidos como escravos. A altivez desta mulher, sua imponência e vaidade podem ser lidas nos trajés dos adereços que lhe conferem um ar de nobreza. Aliado a isso a imagem em preto em branco confere mais dramaticidade para o desenho.

Figura 02



Outra referência utilizada neste processo foi a imagem da modelo britânica Naomi Campbell, famosa pela sua beleza e personalidade forte. Era esse o sentimento que queria passar na arte, a mulher negra forte, vaidosa, que é admirada e consegue servir de referência para outras mulheres negras. A pose da modelo na foto também foi determinante para a ilustração, pois detalha cada parte do rosto da mulher negra e esses detalhes possibilitaram a inserção de indícios de resistência, orgulho e luta à mulher.

Figura 03



O cartaz do filme *A Negação do Brasil* de Joel Zito Araújo, foi uma forte referência para este projeto. O filme fala sobre a forma preconceituosa que os negros são retratados nas telenovelas brasileiras. As cores, a tipografia e pequenos detalhes foram de vital importância para arte. A cor laranja do fundo e os traços contornando a imagem dos atores foram determinantes. A expressão do rosto da atriz negra Ruth de Souza, ilustrada no cartaz, nos remeteu a uma emoção diferente das imagens anteriores, mais triste, que teve grande importância para compor a ilustração seja pela expressão que conferimos ao desenho na etapa final do trabalho, ou como referência de iluminação lateral que possibilitou ressaltar uma cicatriz no supercílio que remeteu a dualidade entre nobreza, dignidade e sofrimentos.

Processos da recodificação das referências: esboço a lápis da mulher negra de turbante

Figura 04



O próximo passo foi começar a desenhar em um caderno de desenho A4 e materializar ideias e referências. Comecei a fazer o esboço numa quarta-feira, dia 21 de outubro de 2014, às 20 horas e finalizei às 09 horas e 55 minutos da manhã do dia 22 de Outubro de 2014, quando foi feita captura da imagem final para arquivá-la. Utilizei um lápis modelo B da marca Creta Color e acentuei a iluminação nas bochechas, maçãs do rosto e no pescoço para criar uma sensação de iluminação e sombreamento. Como referência principal a foto da mulher de turbante, (figura 01) foi feito o esboço. O turbante é grande, como o Estado do Pará, a Amazônia e o Brasil e além de ser uma peça que envolve o topo da cabeça da mulher ilustrada, ela significa a imensidão da memória do povo afrodescendente. Digitalizei a imagem com a câmera do meu smartphone e passei para o meu computador para uma visualização detalhada.

Ao visualizar a imagem no computador tive várias lembranças de minha memória familiar, e percebi que o olhar, apesar de ter tido uma referência de outra foto, acabei retratando algo familiar. O olhar das minhas tias, carinhosamente apelidadas na família como “as mulatas”. São três irmãs com os mesmos traços: olhos grandes, supercílios carnudos e sobrancelhas esculpidas com primor. Convivi com estas mulheres, construí uma memória afetiva com uma delas, que me batizou e que me transmitiu as memórias da nossa família.

Do analógico ao digital: um diálogo entre a ilustração e a computação gráfica

O próximo passo foi colorir a imagem digitalizada. Para a pintura digital foi utilizado software Adobe Photoshop CS6 por meio de uma mesa gráfica digitalizadora da marca Wacom, modelo Intuos 4, para poder ter a facilidade e funcionalidade de pintar o esboço.

Figura 05



Figura 06



Processos da criação da arte-final.

Na primeira fase do processo de colorização (figura 05) trabalhei um pouco mais de 4 horas, iniciando os trabalhos as 12h16 e concluindo as 18h42 do dia 22 de outubro. Procurei acentuar bastante os traços desde o início do processo, mas quando finalizei a arte achei que faltavam mais detalhes para poder enriquecer artisticamente a ilustração. Percebi que a ilustração precisava de um tom mais realista, quase fotográfico, e um contraste maior entre o tom de pele e o fundo da imagem e substituir a tipografia por algo que tivesse uma memória mais brasileira. Foi o momento que me deparei com o cartaz do filme (figura 03) e percebi que era esse modelo tipográfico que o projeto necessitava. Algo mais brasileiro.

Ao começar a pintar a tonalidade de pele, decidi usar a foto da modelo Naomi Campbell (figura 02) como referencia primordial de cores, principalmente na tonalidade marrom da pele, que me remete a tradição, o café, o afrodescendente. O turbante ficou de acordo manter o verde, somente mais escurecido para poder remeter a bandeira do Brasil, mas principalmente, remeter a fauna e a flora do Estado do Pará e da Floresta Amazônica, em especial na minha memória pessoal, das árvores do Bosque Rodrigues Alves, localizado em Belém, capital do Pará, onde meus pais me levavam para brincar quando criança. Acentuei mais os traços das sobrancelhas, dos cílios e fortaleci a luz e a tonalidade dos lábios com brilhos para fortalecer a beleza negra e as suas peculiaridades. O laranja e suas tonalidades mais claras foram usadas para criar o contraste entre o marrom da pele e o turbante verde, criando a sensação de pôr-do-sol para a imagem, luz, alegria e etc. Quando percebi, a arte já estava quase pronta, mas faltava um detalhe, o detalhe da superação. Decidi fazer uma cicatriz no supercílio direito da negra, para representar as batalhas, os preconceitos que o povo afrodescendente ainda recebe, e escureci mais esse lado do rosto para causar uma leve tensão na obra, tendo em vista que a ilustração está centralizada no cartaz.

A família tipográfica Bahiana



Ao terminar esta etapa em 10 de novembro, faltava apenas escolher a tipografia para o título do projeto. Pesquisei no meu computador e percebi que possuía uma família tipográfica chamada *Bahiana*. Ao aplicar na arte percebi o quanto foi adequado mudar a tipografia. Também foi mudada a orientação do texto para alinhamento à esquerda, de forma a criar uma tensão proposital e chamar a atenção para o título do evento.

6 CONSIDERAÇÕES

A arte finalizada (figura 06) foi aprovada, impressa no formato de cartaz, banner e aplicada em diversas mídias, como na internet e suas redes sociais. Percebemos que o projeto foi ganhando espaço, recebeu centenas de curtidas e compartilhamentos, de forma que houve um a conexão entre a arte e o evento bastante eficaz. Vários alunos participaram do evento como ouvintes, nas oficinas, nas palestras e pudemos observar a arte podendo de alguma forma, neste processo ao criar uma ilustração para comunicar por meio de cartazes e mídias digitais o “IV Simpósio: Consciência Negra”, criar também uma maneira de reencontrar minhas raízes e homenagear o povo afrodescendente.

Na descrição da gênese desta ilustração ficou demonstrado como traduzimos elementos retirados da memória oral em signos utilizados na construção da linguagem visual e como esse processo conferiu subjetividade à representação da mulher afrodescendente.

Na pesquisa sobre representação do negro na cultura midiática (figura 03) a escolha do cartaz do filme *A Negação do Brasil* de Joel Zito Araújo, contribuiu como forte referência das lutas dos negros. A imagem da mulher negra, representada no cartaz pela atriz Ruth de Souza encenando a personagem Tia Cloé na novela *A Cabana do Pai Tomás* (1969), foi icônica uma vez que se tratava da primeira personagem protagonista negra da telenovela brasileira, segundo dados coletados no site da Rede Globo de Comunicação (2015). Desta forma podemos considerar que a ilustração cumpriu seus objetivos enquanto ferramenta de comunicação, mobilização, que resultou na criação de um canal de diálogo entre diversos negros presentes na mídia, na memória do autor e na comunidade universitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 6ª ed. São Paulo: Intermeios, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética**: Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3ª ed. São Paulo: Educ, 2008.

RIBEIRO, Walmeri, Org.; ROCHA, Thereza, Org. **Das artes e seus territórios sensíveis**. São Paulo: Intermeios, 2013.

FARINA, Modesto, **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 6ª ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2011.

REDE GLOBO (Rio de Janeiro). Memória Globo (Ed.). **A cabana do pai Tomás**: Produção. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/a-cabana-do-pai-tomas/producao.htm>>. Acesso em: 06 abr. 2015.